



Ao pôr do Sol

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.,

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 141

Braga, 11 de março de 1916

Anno III

Ornamentos d'Egreja da Casa Estrella

Offiçinas d'Escultura e Talha Religiosa,

em madeira, marfim e massa

(FUNDADA EM 1874)

A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes casas congeneres no estrangeiro
Depositos de imagens, oratorios, castiçaes, ramos, custodias, calix, lampadas, lustras, etc. etc.
e de todos os objectos do culto divino desde os mais simples aos mais luxuosos



Specimen d'uma escultura em madeira executada nas nossas officinas

PORTO — Rua do Bom Jardim, 85 a 89 e Rua de Santo Antonio, 59 a 63

GUARDA = Representante e depositario — **CASA SUCENA**
Rua Heliodoro Salgado

Pecem o nosso catalogo illustrado com 143 gravuras. (Peda-se uma visita ás nossas officinas e depositos d'vezdas)

Aos nossos trabalhos foram concedidos os mais altos premios nas exposições
Industriaes Portuguezas de 1887 e 1897



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Veloso

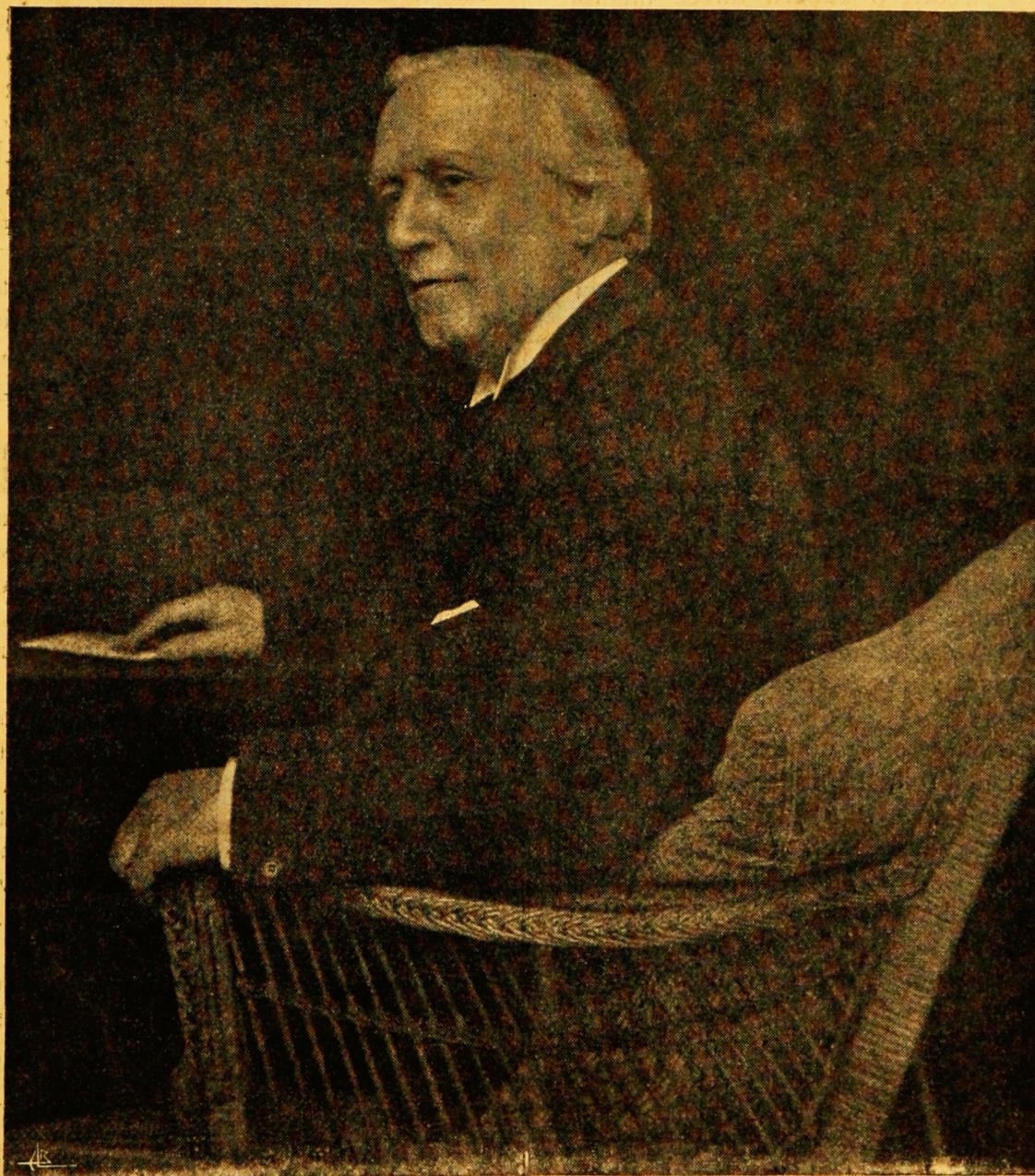
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 11 de março de 1916

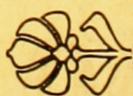
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 141—Anno III



O LORD ASQUITH

Presidente de ministros de Inglaterra



Para o fim!...

AOS baldões do boato, e d'esta vez o boato lançou seus mil tentáculos sobre a vida externa da nação, como nave sem governo seguro e confiante, ei'lo ahi vae o pobre paiz em que nascemos, como o espectro da guerra ante os olhos pávidos e incertos. Para onde? Para a certa victoria? Para o desastre formidavel dos seus dias de existencia attribulada?...

Sobe o leitor ao tope dos mastros grandes, de relance percorre o horizonte: tudo nuvens negras de lés a lés, enovelando o céu e as proprias ondas que em espumada furia veem bater de rijo nas amúras, quando não galgam, espandando a marinhagem meia doida, o pavimento da coberta...

Para onde? Leotte o saberá talvez melhor do que eu e do que os leitores e digo *talvez* porque ha casos em que a insânia, o delirio das ambições ardidadas, a ancia de subir até ao alto tablado onde os grandes homens se mostram aos povos para cuja gloria trabalharam, a simples e mórbida mania de bravatear contra tudo por se dar aspectos de guerreiro com sangue na guelra,—costumam empecer a machina cerebral de certa gente e Leotte pertence indubitavelmente ao numero d'ella, como o sr. dr. Bernardino Machado á mentira que campa de solércia, e o sr. presidente da camara dos deputados aos sorrisos que fingem de scepticas superioridades de intellecto.

Leotte o saberá melhor que nós; mas o que o *sensu commum* é para o povo, devia-o sêr para os governos. E o que o *sensu commum*—a sabedoria das nações—nos pergunta teimosamente é o seguinte: que vantagens fruimos nós em arriscar o mais ou menos estavel decurso da vida portugueza aos azares d'uma guerra como esta?

Ouçõ para ahi bradar contra a neutralidade como se a neutralidade fosse o que dizem os francezes—feito crime.

Mas faça-se a contra-prova: veja-se o que lucrariamos como mantermo-nos neutraes! Porque de facto, nós teriamos podido muito bem cumprir o estipulado no tractado de alliança com a Inglaterra sem nos desviarmos para o terreno empastado de sangue da contenda pavorosa: bastaria para isso que houvéssemos seguido á risca e sem subterfugios a formula proposta intelligentemente pelo sr. Freire d'Andrade n'aquella sessão parlamentar de agosto de ha dois annos, chamada historica por quem á historia queria passar a todo o transe, formula logo depois estragada e malsinada pelo homem que é hoje o presidente d'esta turbulenta associção republicana que tem na taboleta o nome

do paiz e na bandeira apendõa as côres da união iberica.

Dentro d'aquella formula, não seriamos os contrabandistas da França e da Inglaterra, e teriamos feito e completado o armamento do exercito e a defeza do territorio, ao mesmo tempo que usando de malleabilidade intelligente, de accordo e á sombra da velha alliança britannica poderiamos ir caminhando para uma *entente* defensiva economica e diplomatica, sem confusões, com o reino visinho, auferindo como elle o mór proveito do conflicto pelo desenvolvimento da industria e do commercio. Então, sim, seria justo que tractassemos da aquisição de navios, e de certo, a propria Allemanha não nos recusaria os seus, por uma venda. Não teria havido Naulila e o Cuangar, em que tantas culpas nos cabem, e dos quaes não pudemos tirar contra os prussianos do major Frank a legitima desforra por a Inglaterra não no-lo consentir, como já se revelou, embora n'essa altura aos 10:000 homens que tinhamos no sul de Angola fosse facil irromper pela Africa Occidental allemã e assegurar-nos a posse effectiva de terrenos que, com manifesto direito ha tantos annos disputavamos. Se o tivéssemos feito, embora a preço de um rompimento de relações, teriamos obtido já uma compensação dos desvarios diplomaticos dos Taylleirands apresados que estão perdendo o prestigio antigo de Portugal em toda a Europa...

Mas pensou-se lá n'isto? Mas pensa-se n'isto porventura? A ideia culminante d'esta gente foi o golpe theatral da aquisição dos barcos allemães... que afinal sahiram inserviáveis, e nos atiram para a belligerancia aos empurrões, com um desaire nunca visto! Estamos ás portas da guerra—não ha duvida. Mas quem o vê?

Ahi estoira o Carnaval suas chalaças pesadas, suas bombinhas de pataco, suas escaralhadas de ebriez despejada. Hontem, terça-feira, fui dar uma volta pelos salões de baile da cidade. Tudo cheio, a rir, a rir a bandeiras despregadas, na grande mascarada parvoa, na mescla hedionda do sujo e do limpo, como doido, como homem perdido afogando nas fumigações do Champagne a sombria previsão do seu espirito, o pasadêlo atroz da sua ruina! *Pierrots*, dominós, arlequins, peraltas a cair dos tacões secias-moças de vida corredia, tudo bailava, no saracoteio tórpe dos *maxixes* e sahi da galeria onde me postara de observador, enojado e ancioso de ar puro que matasse aquelle respirado ali, de pelles encardidas nos contactos, sentindo, sentindo sim, dentro do meu cerebro e dentro da minha alma a miseria d'aquellas alegrias pintadas, a torpeza das mil facecias cana-

lhas que em má hora eu ouvira! que miseria! Que loucura bestial a d'este povo que dança, na hora em que o seu destino estremece, a ronda rodopiante e delirante, dos turbilhões da morte!

—Olha a *Lanterna! Confetti! Serpentina!* Quem quer pôs!

Mais adiante um pequenito acoitado a um humbral escuro da rua Passos Manuel agarra-me no braço:

—Dê-me dé'reisinhos, senhor, eu tenho fome!

Ah! que monstruosa noite esta, Santo Deus, em que á farça do entrudo se abraçam os corpos esqueléticos dos famintos, em que o Porto que não tem—porque *não tem*—borôa, dura ao menos, para roer, vê despejar dinheiro nos balcões dos cafés, nos buffêtes dos *halls* onde frenético se baila!

Para onde fugir? senão para o templo! Para onde ir buscar consolação senão para a igreja, sim para a igreja onde está Aquelle que ensina a vêr do alto as misérias da terra, que no desenfreado gritar da turba bachica retrava com a regra da moral que prégou no Golgotha, que faz confluír aos corações o amor pelos que soffrem!

...N'esta noite, eu senti vontade de dizer: *Deus! Deus!* como o Fialho, quando levava no meio da gente doida de uma terça feira de entrudo, como esta, aquelle seu amigo—homem de genio—a enterrar ao cemiterio e um uivar de cão esfomeado o retranzia...

F. V.



VIDA INTENSA

POR J. DE FARIA MACHADO.

Molière



AINDA hoje lhe mordem na reputação, Ainda hoje, uma obstinada má vontade, remeche e deprecia a sua obra monumental. Tenho aqui, sobre a mesa, o estudo recente, d'um critico de Paris, d'onde a obra do grande comediographo francez, sahe bem mal ferida. São duzentas paginas, compactas, mal humoradas, odientas, a desfazer no valor indiscutivel do velho mestre, a verberar-lhe os processos, a condemnar a sua linguagem desataviada e correntia. Afinal, nem pela novidade se recomendam a apaixonada critica e o obstinado censor. Tudo summariamente se resume, na phrase injusta de *Scherer*: *«Molière est aussi mauvais écrivain qu'on peut être...»* que Alexandre Dumas acertadamente

criticou no admiravel prefacio do *«Pae Prodigio»*. É evidente que nas comedias de *Molière* abundam imperfeições de linguagem, que muitos pretendem justificar pela extensão da sua obra, e pela intensidade moral que lhe imprimiu. Ora tal desculpa é tão incoherente como a allusão caustica de *Scherer*.

Molière escreveu assim; as suas incorreções são propositadas, os seus defeitos são conscientes. Para maior verdade dos typos que enreda na feia subtil das suas comedias, a sua linguagem é reflectidamente descuidada. Afinal onde os criticos querem vêr incorrecção existe apenas propriedade. Não escreveu no estylo artificioso dos academicos, não escreveu para os estylistas, escreveu para o publico e fê-lo conscienciosamente como o teriam feito, se escrevessem, as figuras que poz em scena. Preoccupou-se unicamente em tornar verdadeira a sua obra, adaptando a sua linguagem ao character do typo, descendo ao meio social onde desenrolou a sua peça, aonde viveram as suas figuras, para sentir como ellas sentiram, para fallar como ellas fallaram. O seu estylo, portanto, apresenta-se-nos eivado d'archaismos, de locuções italianas e hespanholas, de phrases rigorosamente populares, o que torna a sua linguagem agradável, substancial, mais colorida do que pura, mais intensa do que correcta.

A sua phrase celebre *«je prends mon bien ou je le trouve»* constituindo quasi a sua divisa, é a synthese dos seus processos.

As suas figuras não são obra da sua phantasia—são o producto da sua observação. Não foram imaginadas, — foram adaptadas, como o argumento das suas obras não é ainda resultante da sua phantasia imaginosa, mas a consequencia d'um cuidado trabalho d'adaptação. Como *Racine*, *La Fontaine*, não se preocupou com a originalidade dos seus typos. Foi buscalos aos classicos latinos, aos contos francezes, ás comedias italianas. Utilisou-se de *Boccaccio*, *Straporole* e *Loirel* das comedias de *Scarron*, *Larive*, *Desmasrets*. Nas suas peças ha palavras, phrases, scenas inteiras do *Pendant joué* de *Cyrano de Bergerac*, da *Belle Plaideuse* de *Boisrobert*.

A sua unica preocupação é ser verdadeiro —o seu unico fim: moralisar. Os seus personagens são d'uma verdade flagrante, d'uma naturalidade surprehendente. Não é o pittoresco *Sganarello* uma pintura admiravel da ignorancia ousada dos curandeiros campezinos? A condessa d'*Escarbagnes*, toda entregue aos ademanes cortezãs, ás quasi liturgicas pragmaticas palacianas, não seria uma magistral caricatura da burguezia nobilitada? O seu trabalho revela uma observação admiravel a par d'uma subtil penetração, como n'essa incomparavel figura d'*Harpagon*, o personagem mais abstracto da sua galeria, que é a synthese moral do eterno avarento, sumitico, feroz, que não põe os pontos nos *ii* para não gastar a tinta.

Molière foi um triste, um temperamento amargurado e as suas figuras ressentem-se d'essa morbida melancholia, por isso atravez da eterna intriga, a classica intriga á moda italiana, com que enreda as suas comedias, uma amarga tristeza ensombra e amargura. No entanto são uma soberba reproducção do seu meio, uma energica e sensata critica, aos sentimentos e aos costumes, aos habitos e ás paixões.

As suas figuras, os seus argumentos, arrancados, aqui, alli cerzidos, reanimados pela sua mão de genio, adquirem novo relevo, inegualavel brilho, que pouco conservam da sua primitiva estructura. E' esse o seu grande valor, o seu grande merito, a sua inegualavel superioridade, que a critica apaixonada, desvalorisa, verbera, sem querer attender que elle proprio confessou o seu grande crime ou a sua grande qualidade n'essa phrase admiravel, que lealmente condensa o seu processo litterario: *Je prends mon bien ou je le trouve!...*



Padre Antonio Vieira



LONGE de serem paternalmente justicheiros, procediam com crueldade de despotas, saciando, primeiro que tudo, as ambições e os appetites.

Ignorantes, libertinos, ladravazes, os governantes angustiavam a vida dos indigenas dentro d'uma escravatura ignobil, sendo innumeradas as depredações, abominaveis os crimes á mão armada, embora em nome da justiça, e constantes as deshonestações de mulheres, as torpezas mais abjectas.

Os Indios, ou acceitavam tudo dentro da maior ignorancia, imitando, quanto podiam, os desvarios dos seus senhores, ou regavam com amargo suor e com lagrimas de sangue a intima cultura de implacaveis e funestos odios.

Davam-lhes ainda os governantes, para cumulo, o sacrilego exemplo do mais completo desdem pelos Sacramentos e Mandamentos da Igreja.

Os templos cahiam em ruinas. Os altares estavam lugubrememente despojados. E assim os costumes eram depravados e vergonhosos.

Os Indios passavam annos sem ouvirem missa, e grande numero d'elles, já adultos, não tinham ainda recebido o Baptismo. Além d'isso, viviam em plena polygamia, ignorando o catecismo e morrendo sem os menores soccorros espirituaes. O seu estado d'alma e corpo era tão complexamente miseravel, que inflammou em sagrado zelo muitos Padres e acima de todos, o grande Missionario Padre João de Sotomaior, a quem se deve a erecção do primeiro grande templo de todo o Estado.

Portanto, o campo de batalha para Antonio Vieira, sendo amplo, era pungentemente espinhoso.

Não tinha que lutar só contra a ignorancia e miseria dos aborigenes, mas tambem contra o egoismo e infamia dos governantes.

Abrolhosa missão! Os seus naturaes alliados resultavam-lhe perigosos inimigos!

Inimigos? Sim, os peores, porque detestavam as victorias d'aquelles a quem se sentiam como alliados á força, de tanto que os encantava o vicio e os embebedava a crápula.

Vieira, antes de entrar em combate, encanou detidamente todas as forças do Inimigo,

Não contam os seus biographos quaes foram então as pejejas intimas d'aquella grande alma.

Todos, porém, facilmente as suppomos. Estamos vendo aquella escampada e bella fronte, enrugada por mil pensamentos, larvas de corajosos e admiraveis planos.

O seu profundo olhar illumina-se de esperanças magnanimas que o generoso coração applaude no alvoroço das pulsações.

Compulsa as forças de um punhado de missionarios e verifica, dentro da Fé, como o seu poder será unico e invencivel. São puros filhos de Jesus Christo. São sinceros e arden-tes legionarios da Cruz. A sua missão é a Verdade, o Caminho, a Vida. Por ella não trepidarão deante de martyrios e ignominias. Tudo pode saltea-los com atrocidade, porque não teme a morte quem sabe como ella é uma simples vereda para a Eternidade, a Vida por excellencia.

Mas nem porisso era licito não encarar prudentemente as mil e uma resistencias á pureza do Verbo.

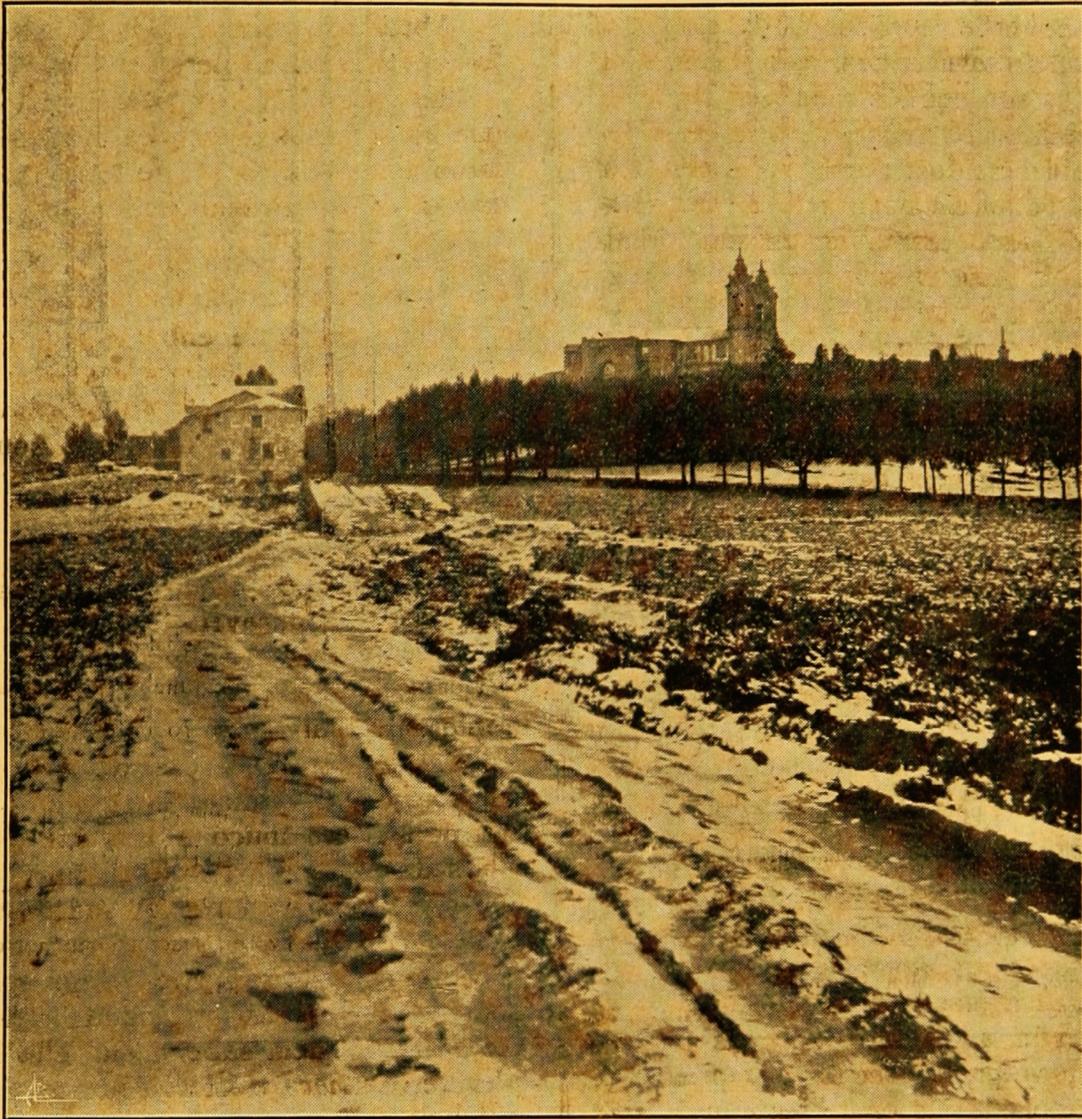
Quaes as peores? Decerto que as de falsos catholicos, e nomeadamente as dos governantes. Vieira, com o seu elevado genio, viu decerto a realidade triste que, no sentido em que a contemplamos—é a de todos os tempos.

Grande mal tem feito o paganismo, apezar de vencido, á Igreja Catholica. Minou, sempre que lhe foi possivel, a melhor Arte e, engodando as letras com as incontestaveis delicias dos classicos gregos e latinos, foi, ao mesmo tempo, renovando as desordens moraes do Velho Mundo, mordendo, por vezes, no coração as doutrinas puras do Evangelho.

E assim o vemos, a bafejar com perversidades a Reforma, a Revolução Franceza, o scepticismo que hoje ainda resiste ao admiravel renascimento religioso que brota d'um mar de lama e sangue.

JOSÉ AGOSTINHO.





O Sameiro

N'um dia de nevada



Que formoso espectáculo é ver a neve
Caindo, em grandes flocos, sobre a terra!
Que belezas, que encantos elle encerra!
—Nada no Mundo achei que mais me enleve!

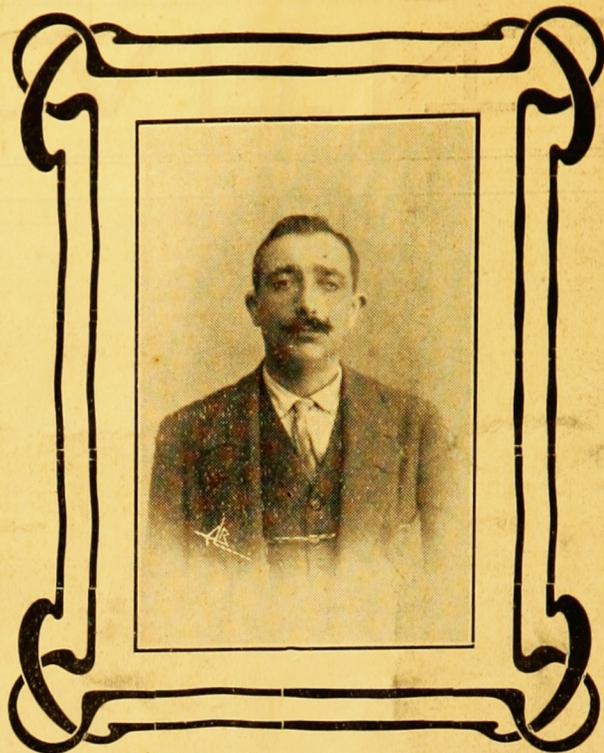
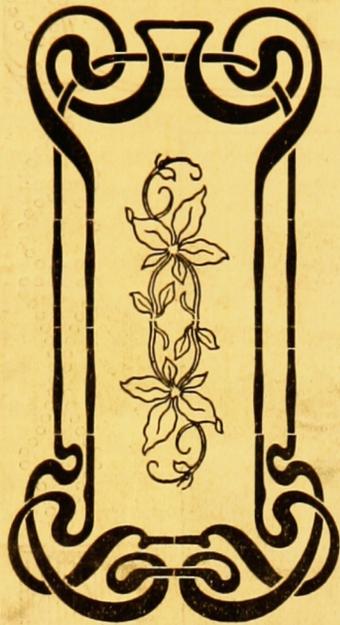
Pintar quadro tão bello mal se atreve
O meu tosco pincel, que os traços erra;
Tintas não vejo, e o astro meu se aterra
Por côr não saber dar-lhe nem de leve.

Chuva de niveas rosas desfolhadas,
Ou de alados incertos a invasão,
Semelham, de repente essas nevadas

Que um fantastico aspecto ás coisas dão:
Terras, plantas e rochas são julgadas,
Corpos de fôfo e alvissimo algodão!...

CARLOS VAZ PINTO.
(Arouca)





João Gonçalves Palha

Falleceu recentemente n'esta cidade o importante industrial snr. João Gonçalves Palha, justamente considerado entre nós pelas suas excellentes qualidades. Bem nos demonstrou a assistencia, por todos títulos notavel, aos seus suffragios e prestíto funerario, que constituiram uma sympathica homenagem.

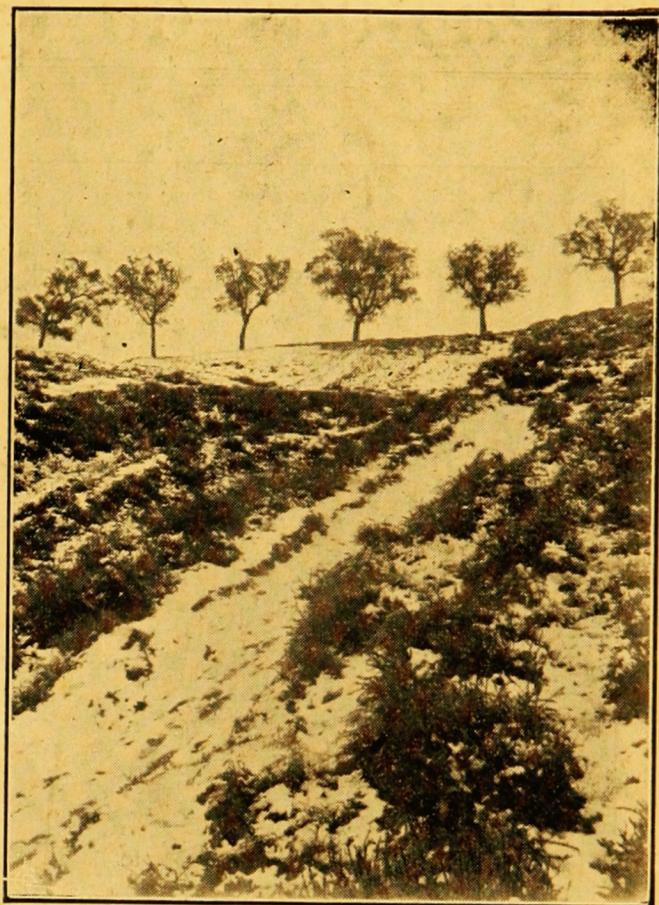
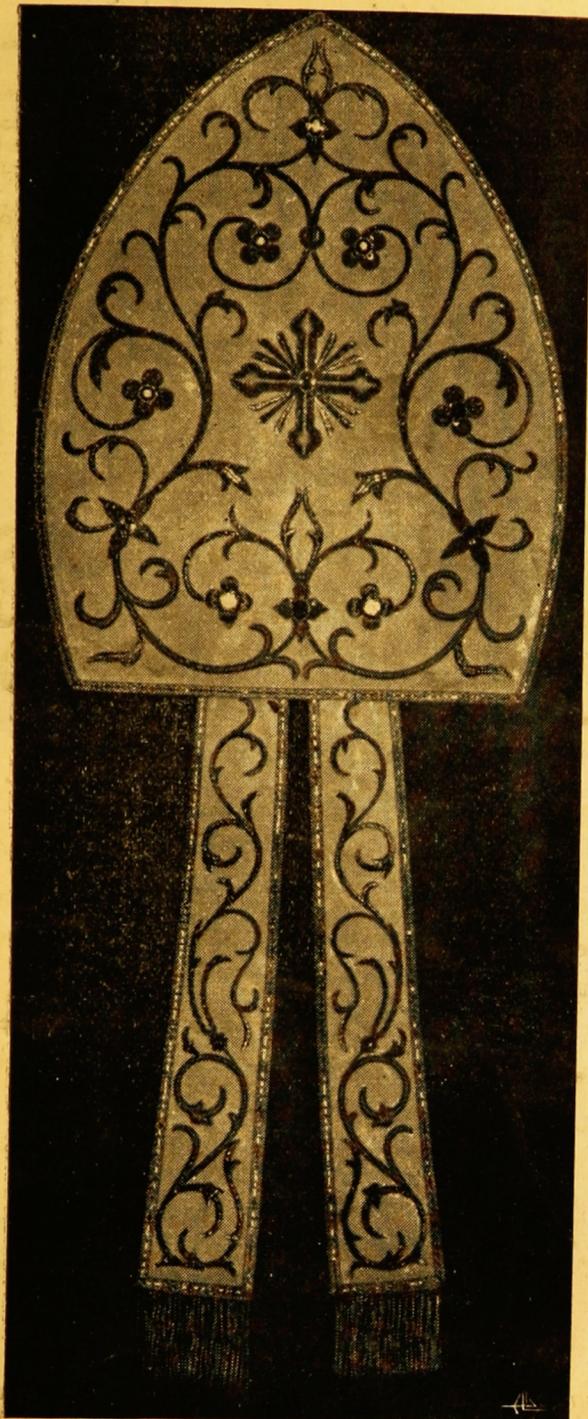
O seu enterro, que elle modestamente quiz fosse á mão, e não de sege, veio assim a tomar umas proporções

de apothese. Teve tambem notas de espirito christão. Muitas esmolas se deram, em substituição de corôas, e não faltaram os piedosos officios funebres, assistindo a elles e ao sepelio, avultadissimo numero de associação e de pessoas de todas as condições.

O saudoso finado, que era socio do importante estabelecimento fabril Sapataria Palha & Palhas, deixou irmãos que são os snrs. José do Egypto Palha, Domingos Palha e João Pinto Palha a quem acompanhamos na sua dôr bem como a sua ex.^{ma} esposa.



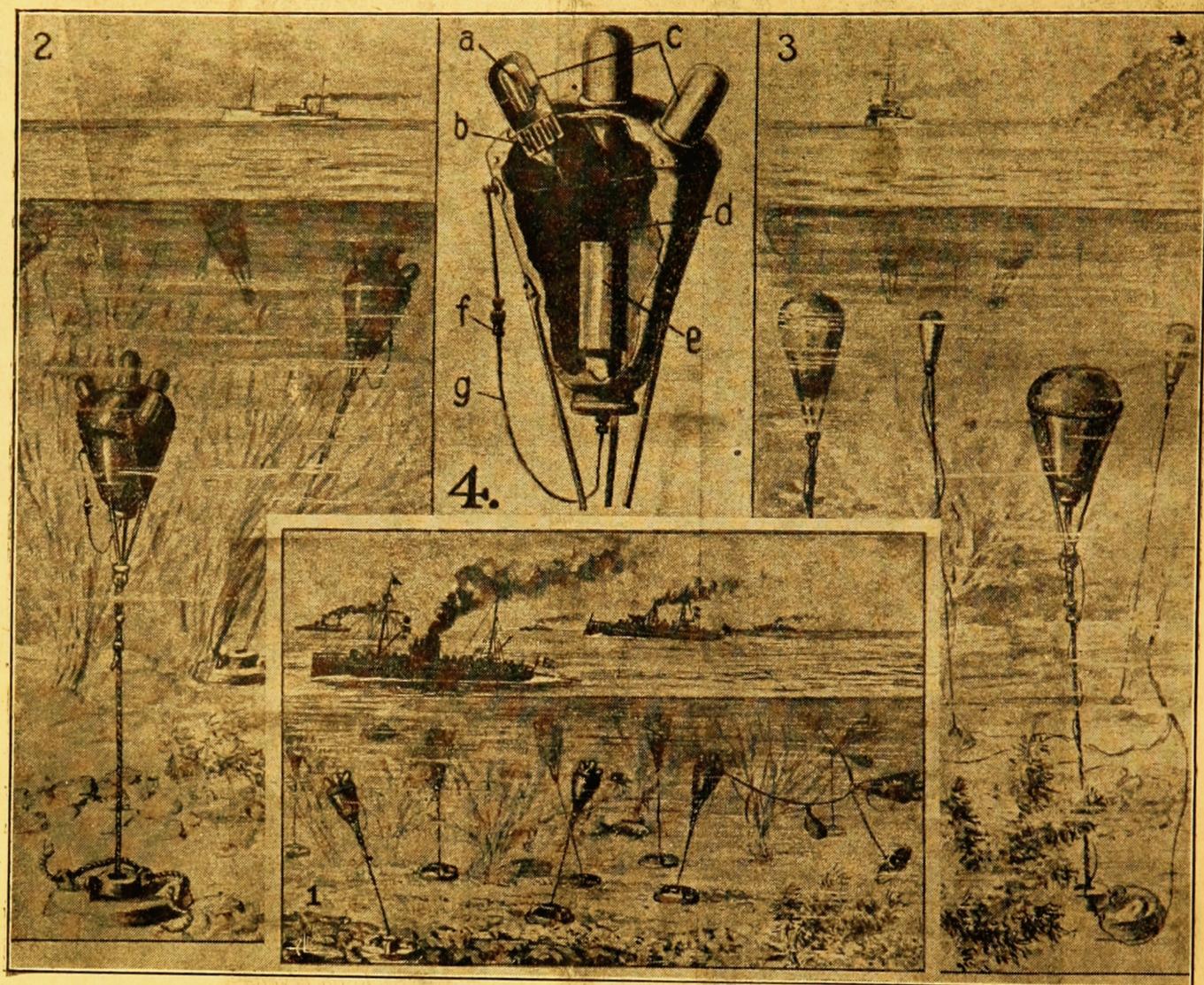
O funeral do snr. João Palha saindo da igreja dos Terceiros



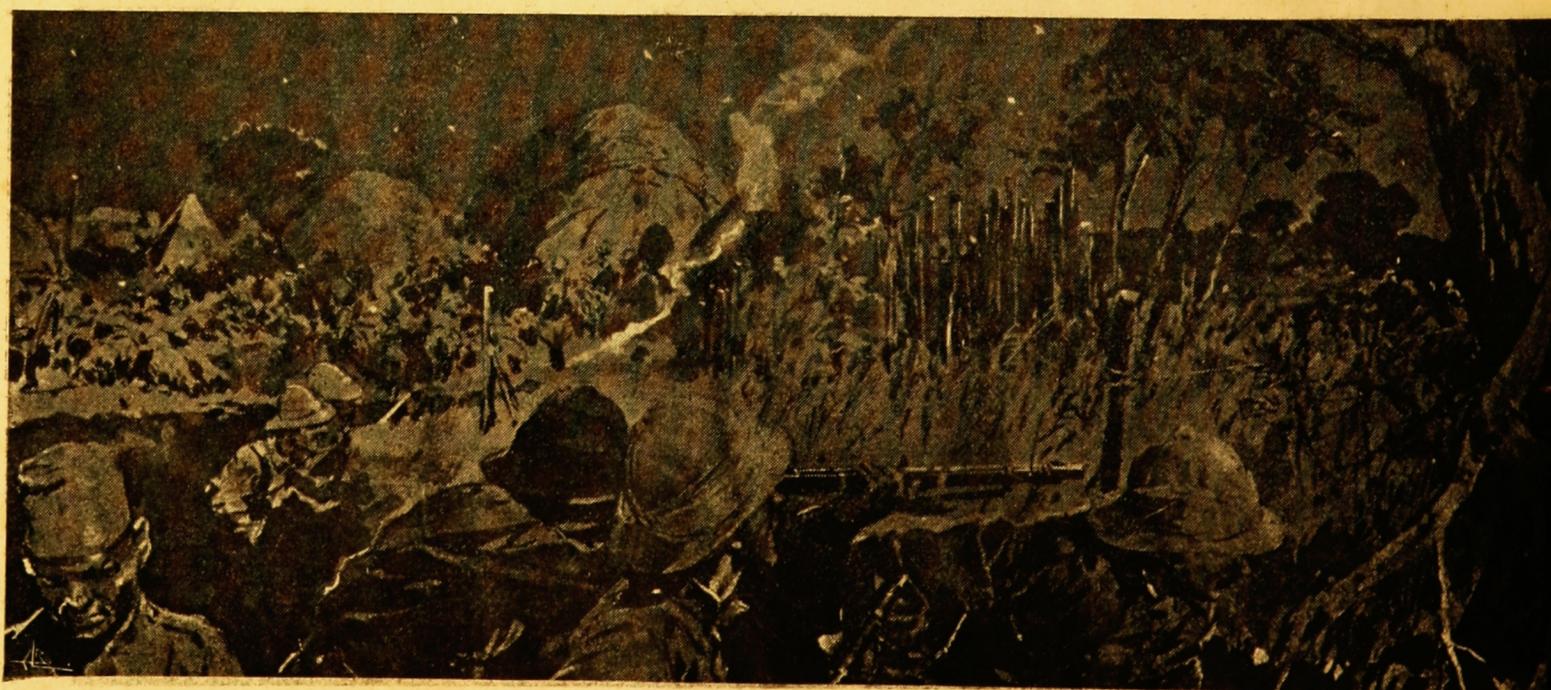
- 1.—A artistica mitra que foi offerecida ao Ex.^{mo} Bispo de Bragança, bordada nos ateliers da Paramentaria Bordadora da cidade do Porto.
- 2.—As ultimas nevadas no monte do Sameiro. O caminho para aquelle Sanctuario coberto de neve.
- 3.—Outro aspecto da nevada.

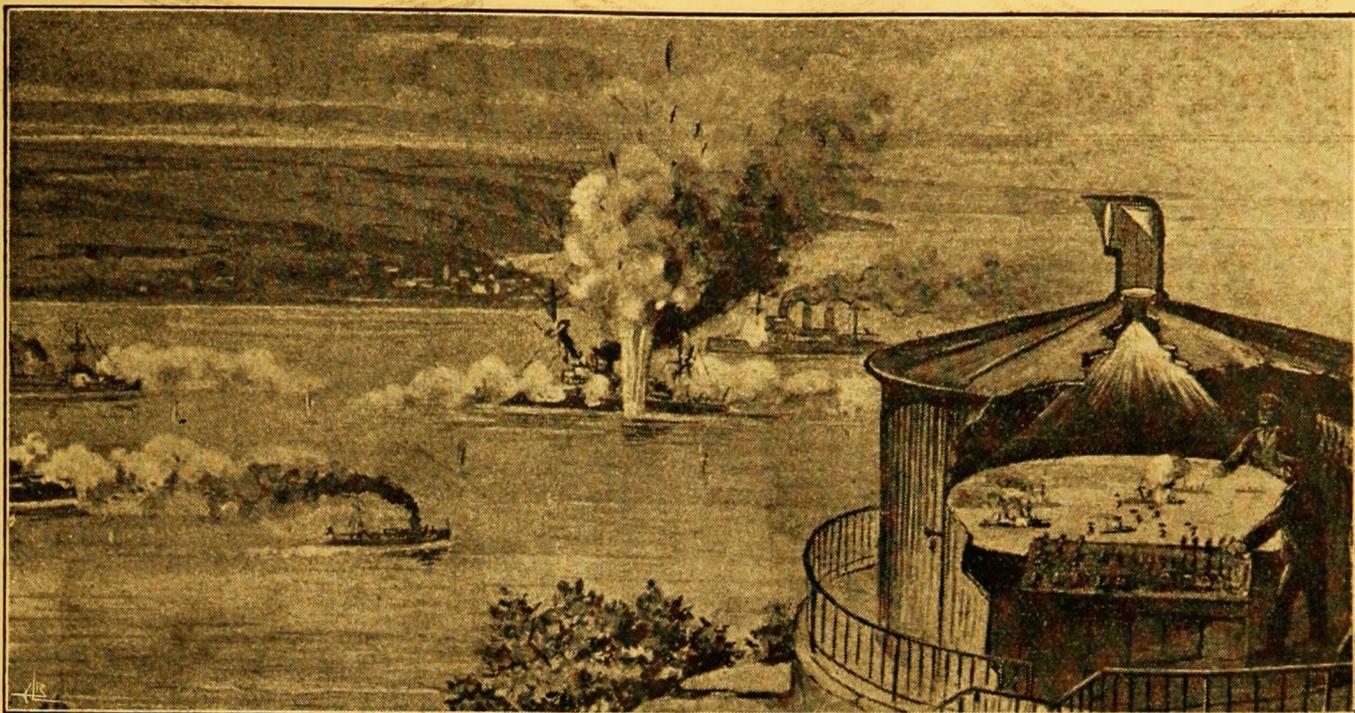


o Páginas da Guerra Europeia o

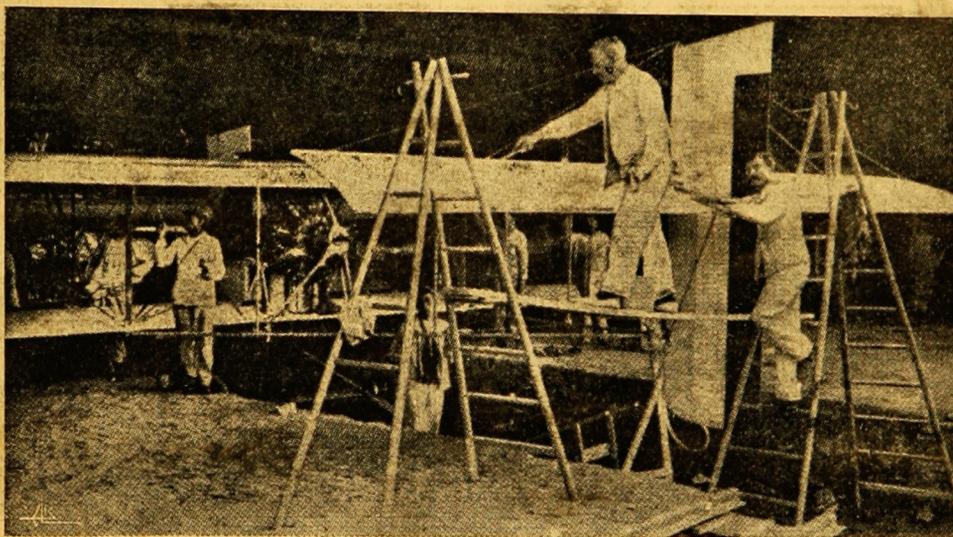


As minas submarinas,—1—Os torpedeiros pescando minas. 2—As minas de contacto. 3—Minas electricas. 4—Corte de uma mina de contacto, a corpo vidrino; b bateria; c cupulas de chumbo; d camera; e carga explosiva; f segurança; g fio conductor.





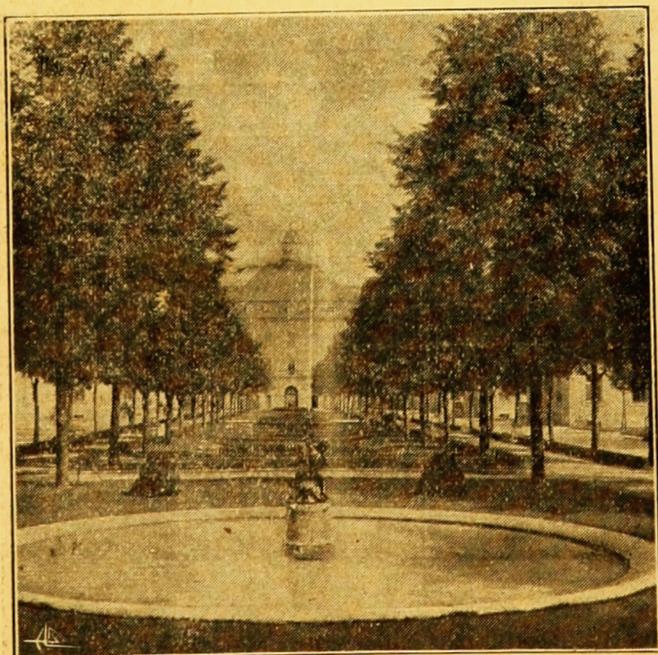
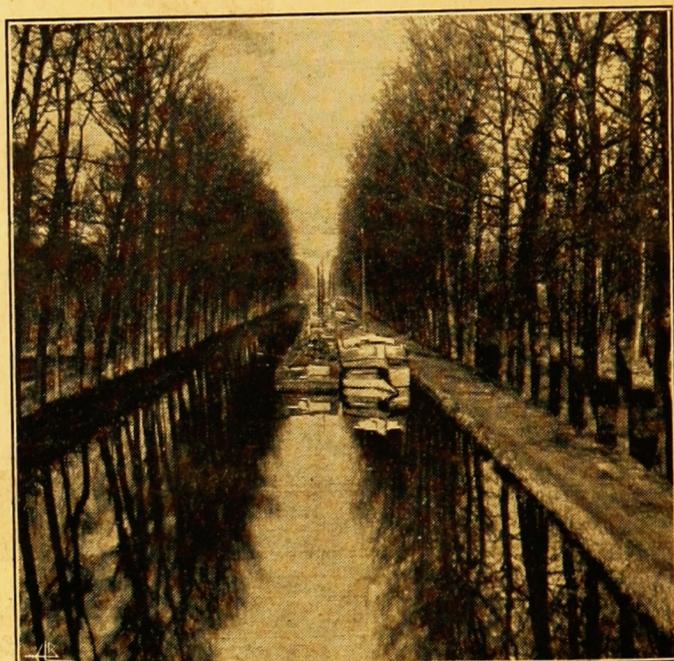
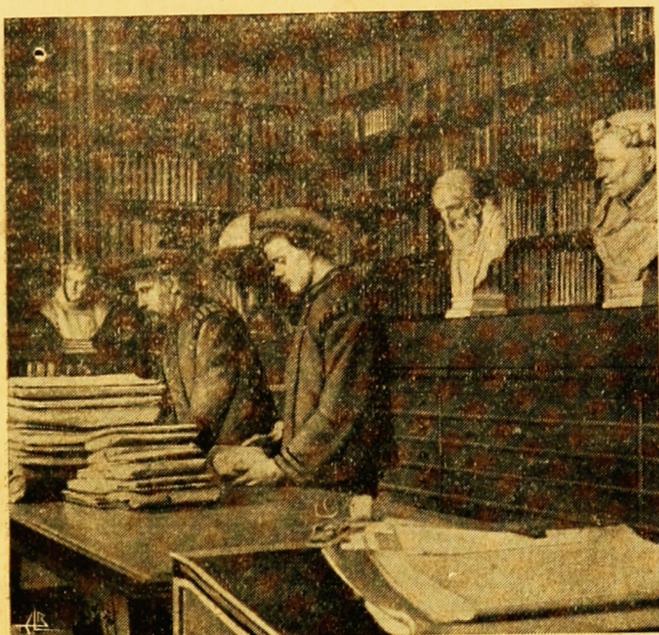
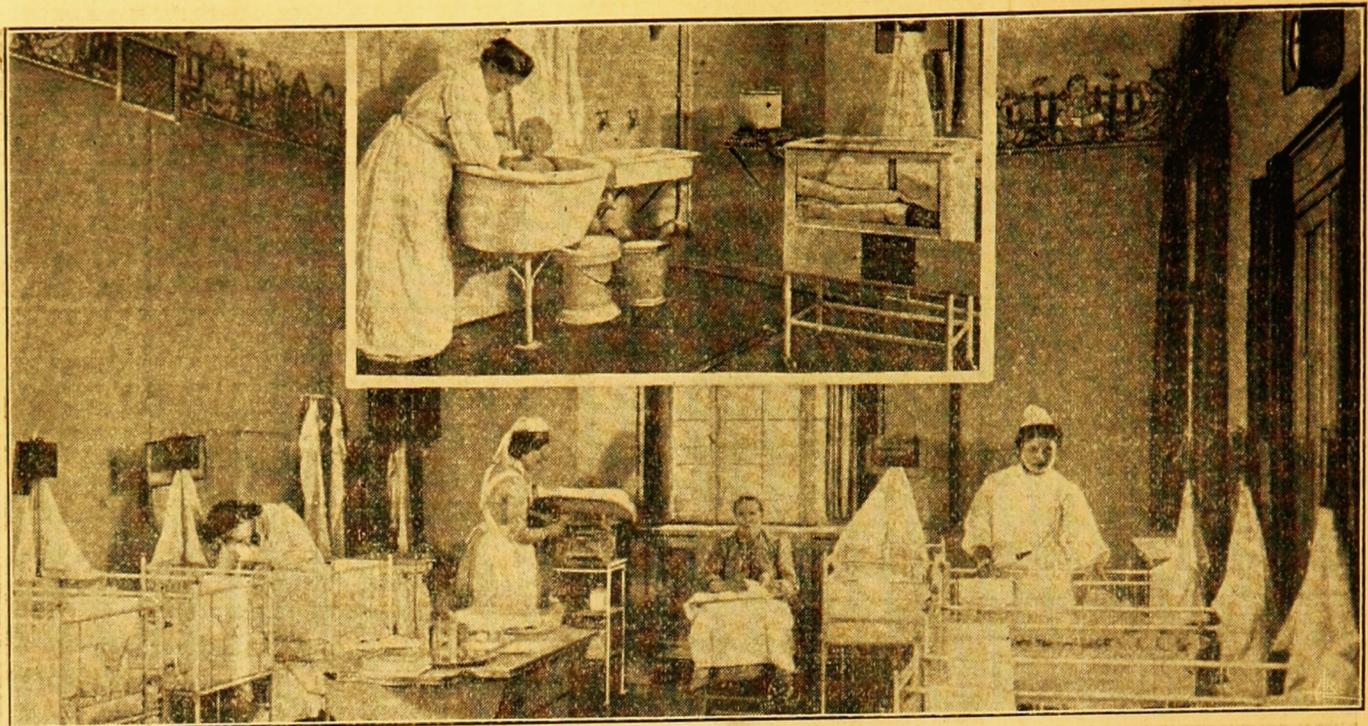
Bloqueio d'um porto por meio de minas electricas



FRANÇA.—Os operarios d'uma fabrica pintando e envernizando aeroplanos que em breve entrarão em acção



ando uma fortificação ingleza



1. — O asylo urbano da infancia em Berlim obra pia do snrs. Schmit-Gallisch, Quarto para dez creanças e quarto para banho.
2. — No museu Plantin em Antuerpia. Empregados na bibliotheca com o trajo Flamengo.
3. — Terreno occupado pelos allemães. Um canal no Norte da França.
4. — Na Allemanha. O hospital Rudolf Vinchow. Avenida grande; ao lado está o pavilhão dos enfermos, e no fundo a casa da administração,



O "Sorriso de Reims,"



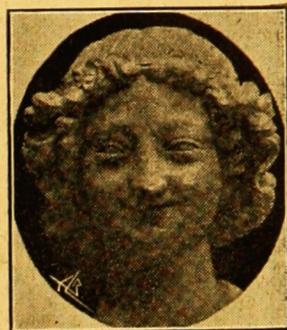
A cabeça visto de cima



Como está actualmente a estatua



O molde que está na Museu do Trocadero e pelo qual se poderia fazer outra estatua se o original não podesse ser reconstruido



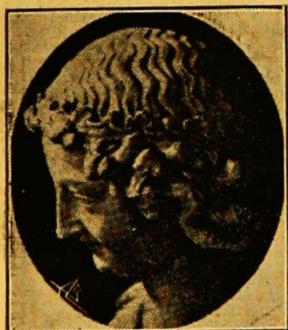
De frente

Esta artistica estatua foi decapitada, por uma granada allemã, quando estes bombardearam a historica cathedral de Reims, nos dias 19 e 30 de Setembro de 1914.

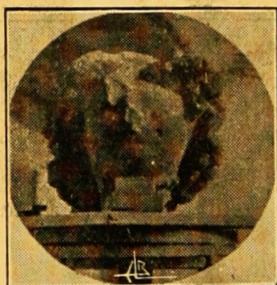
Como, apoz ao bombardeamento, não fosse possivel encontra-la entre os escombros, alguem affirmou que ella tinha sido vendida a um colleccionador da America do Norte.

Mais tarde, foram encontrar esta pequena obra d'arte, partida em quatro pedaços, nas ruinas do paço do Arcebispo.

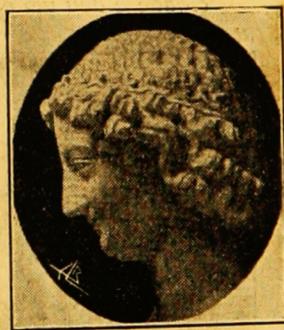
Felizmente a sua reconstrução, poderá ser feita facilmente, para depois da restauração da cathedral, ella juntamente com outras, irem occupar os seus respectivos logares, junto da porta norte d'aquelle grandioso templo.



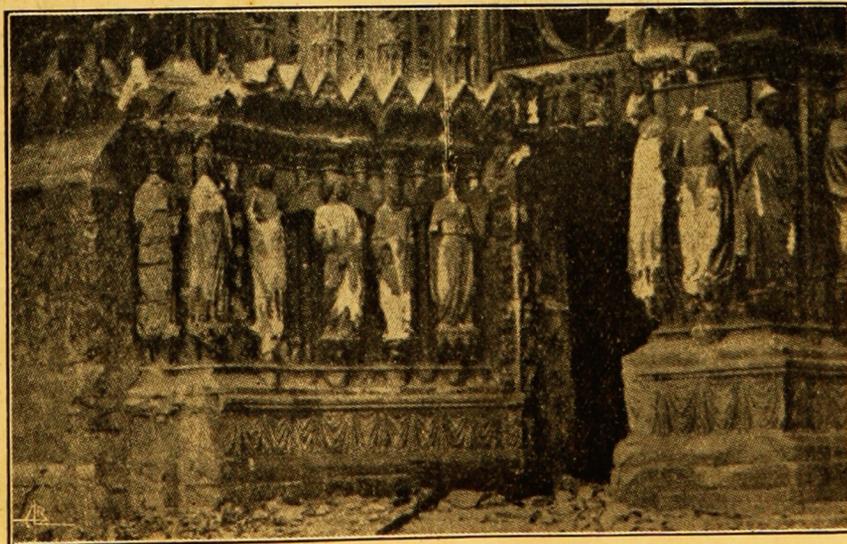
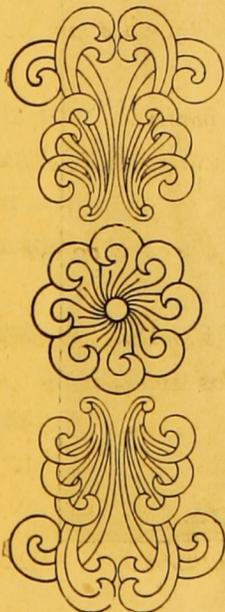
De perfil



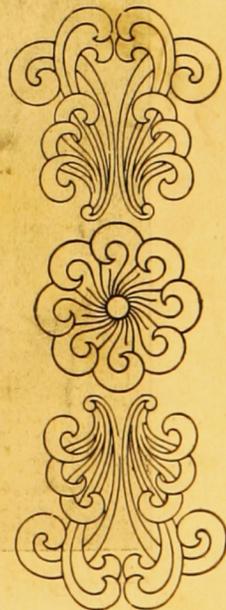
Como foi encontrada entre as ruinas

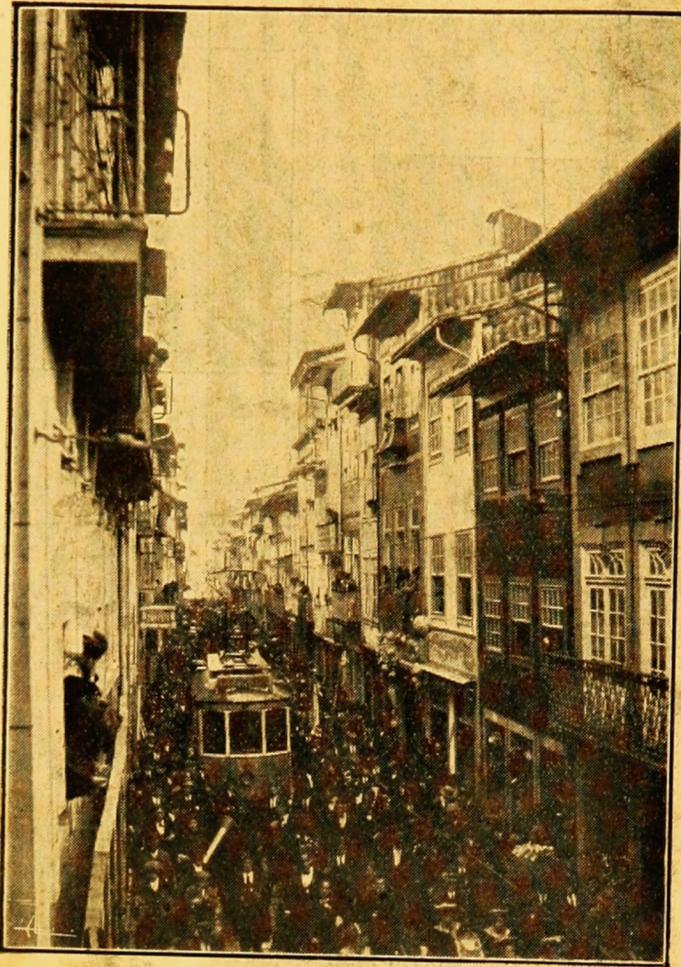


Outro perfil



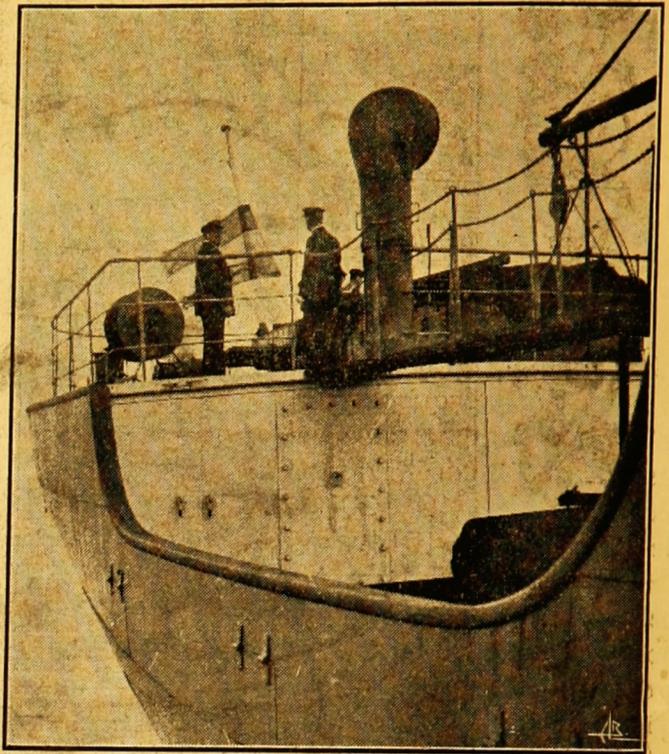
A porta norte da cathedral † o logar aonde estava a estatua



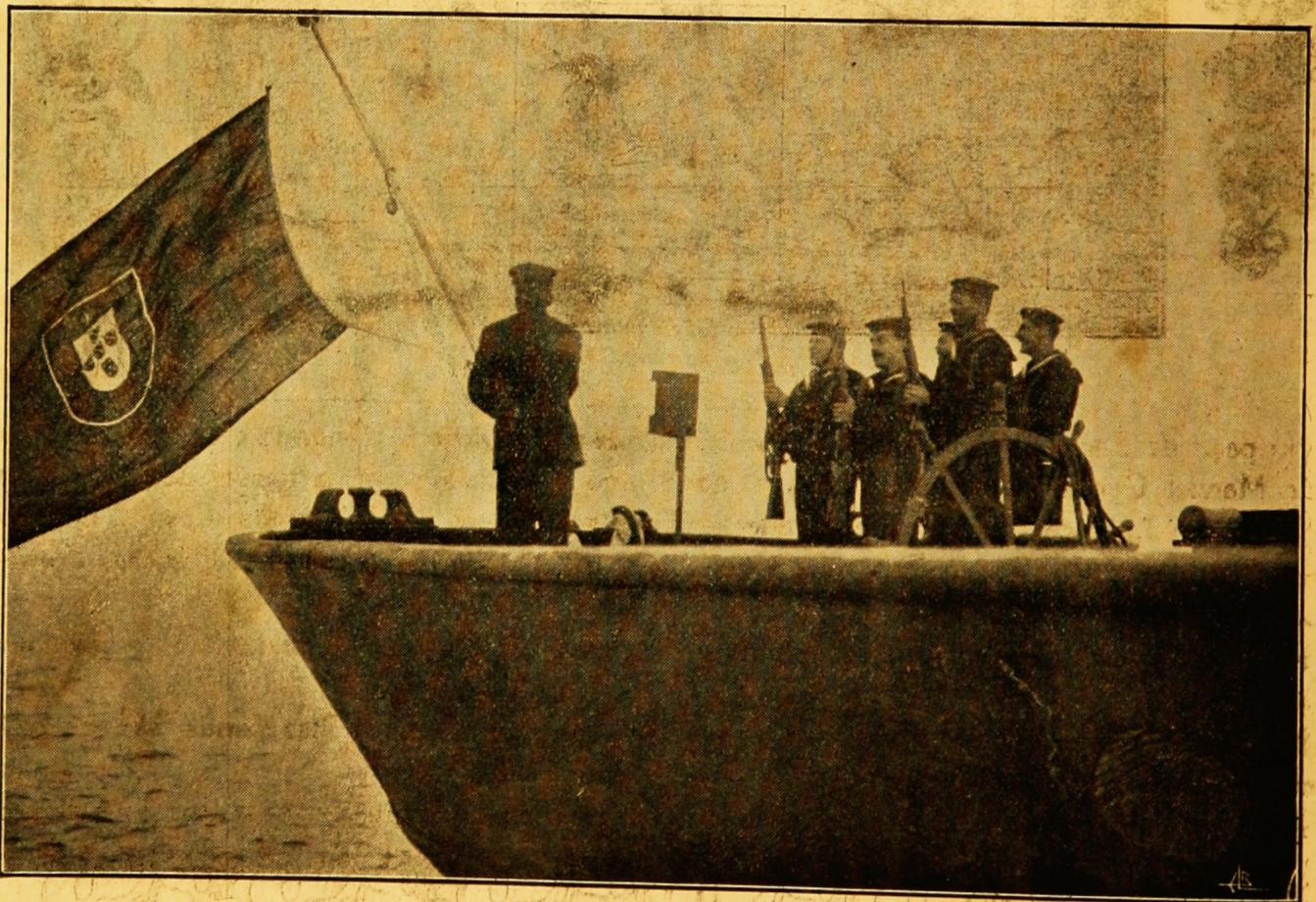


Chegada a Braga do Orpheon Academico de Coimbra, que no dia 28 do mez passado visitou esta cidade e deu um espectáculo no Theatro-Circo

Lisboa. Requisição dos navios allemães



Os marinheiros portuguezes arreando a bandeira allemã



A bordo do "Picador". Um official içando a bandeira portugueza

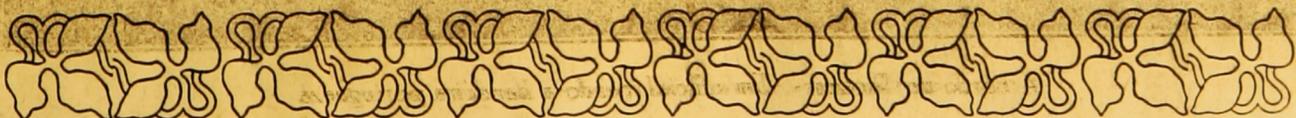


No paço de Sacaes, (Porto), realizou-se ultimamente com grande aparato o enlace matrimonial do snr. Manuel Cyrillo de Souza Carneiro, cavalheiro muito estimado na nossa sociedade, com a snr.^a D. Maria Luiz da Cruz Coutinho, dilecta filha do snr. Luiz Rodrigues da Cruz Coutinho e da snr.^a D. Beatriz Velloso da Cruz Coutinho. Apòs a cerimonia, foi celebrada missa a grande instrumental.

Paranympharam, pelo noivo o snr. conde e condessa de S. Thiago de Lobão, e pela noiva seus paes.

Na selecta assistencia destacavam-se as bellos e luxuosos «toilettes» das damas. Na «corbeille» dos noivos viam-se prendas de fino gosto e grande valor.

Apòs a cerimonia nupcial, foi offerecido um delicioso copo d'agua em casa dos paes da noiva.





Grupo dos internados da Officina de S. José, com o Ex.^{mo} Senhor Bispo de Bragança

Officina de S. José em Guimarães

E' a mais nova das filhinas do veneravel João Bosco e vive, qual humilde mas odorantissima violeta, a sombra benefica da caridade christã em geral, mas usufruindo especiaes ternuras da bonissima gente de Guimarães que a adopta e lhe quer como a dilecta filha tambem.

A's benções dos filhos da Terra de Santa Maria da Oliveira eleva-se a do venerando Arcebispo Primaz snr, D. Manoel Vieira de Mattos, que sempre carinhoso, se dignou approvar em 15 de junho do anno findo os Estatutos da sympatica officina do *Glorioso Carpinteirinho* de Nazaref.

Quem dotou esta terra com esta maravilha?

Homens. com um coração tão carinhosamente portuguez, como o do Padre Balthazar Guedes, D. Frei Caetano Brandão, Pina Manique, D. Sebastião Leite de Vaconcellos, Monsenhores Ferreira Airoso e Fernandes Lopes, todos creadores de officinas onde se acudirá santa e zelosamente á infancia desvalida ou á mocidade regeneravel.

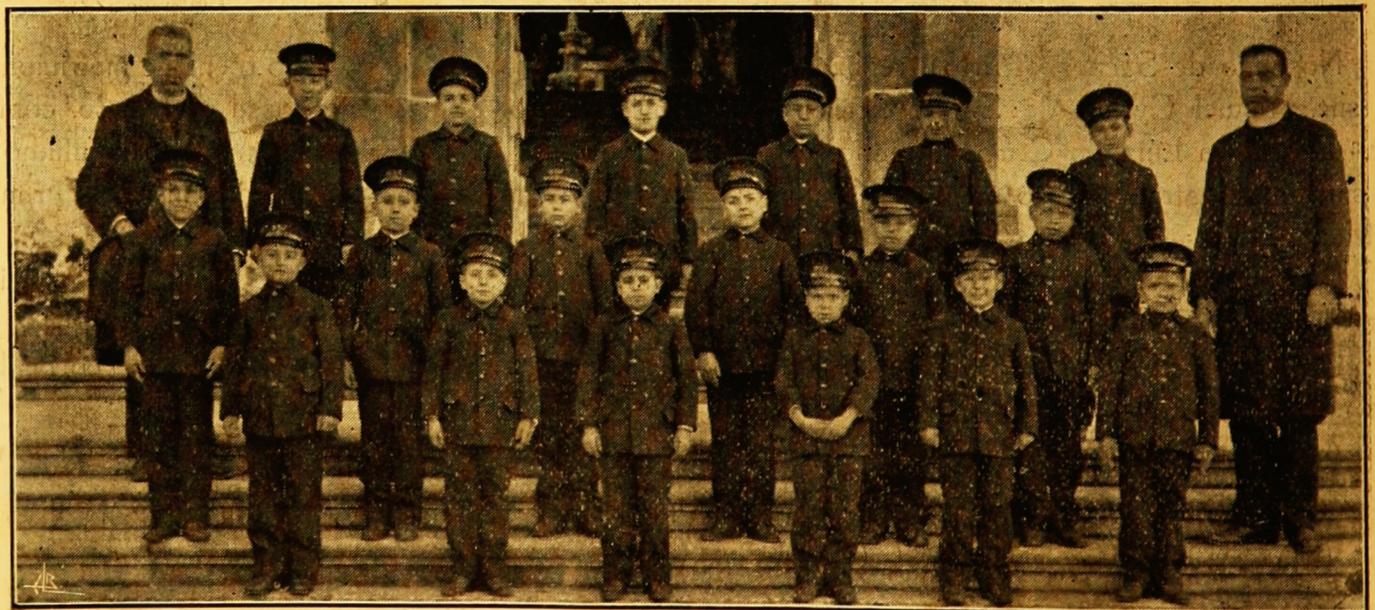
Estes vimaranenses illustres não podendo. como os raios do Céu, transportar dos confins da Galileia a Santa officina de Nazaret para lhe repousarem as veneraveis paredes em Lorêto levando-lhe d'ali, como Dom Bosco e os seus salesianos a graça, a alegria e beneficios a Turim, á Italia inteira, França, Inglaterra, Hespanha, Terra do Fogo

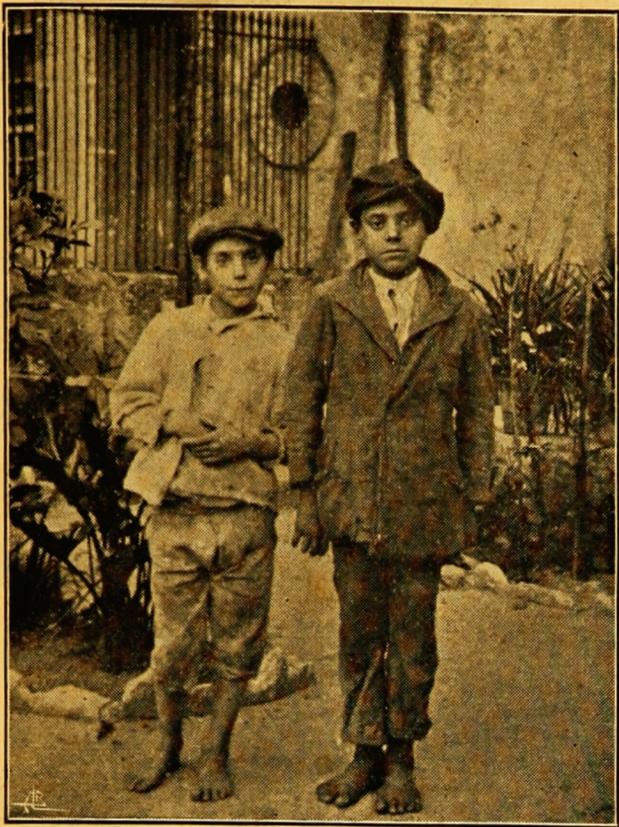
e Brazil onde tem maravilhosas filiaes que se remiram deleitosas na bahia de Guanabára, criaram-na risonha no seu proprio coração e disseram a suas irmãs, mães ou esposas que em nome da mais doce, terna e santa das Mães a polvilhassem de benções, a alimentassem de carinhos. a amparassem com os mil recursos e piedosos confortos como sublime e santamente o sabe fazer a heroica mulher portugueza.

Esses desoito jovens, que militarmente se perfilam tão garbosos nos seus uniformes, lembram formosas e doiradas borboletas que ainda ha dias pareciam o sirgosinho humilde que doideja febril á cata d'alimento. d'um abrigo onde se depurasse e se refizesse de coragem para melhores dias.

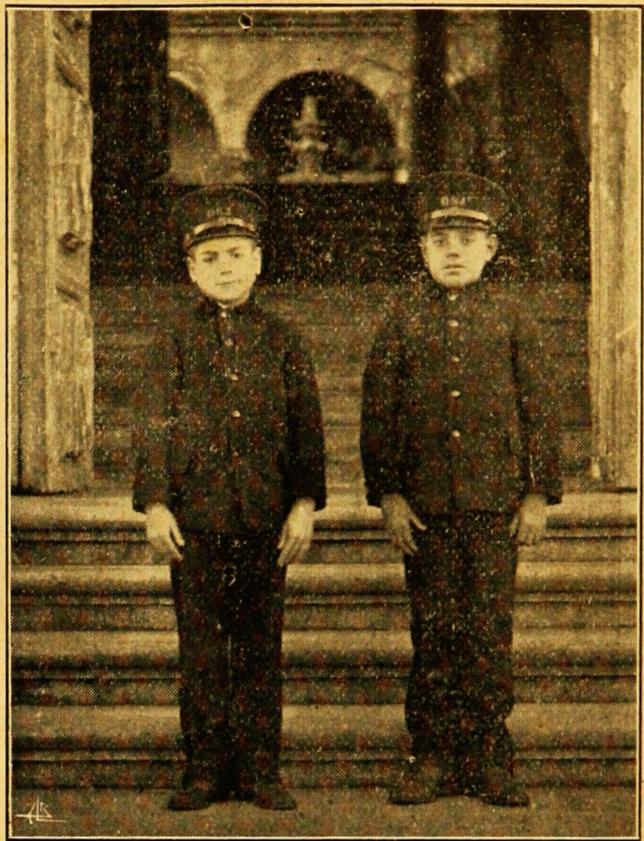
Simplemente por commovedora lembrança apresentam-se envergando os dois uniformes sendo o 1.^o dos dias em que muita vez houve lagrimas filhas da necessidade e o 2.^o em que ha mimos, alegria e esperança de que jamais voltem semelhantes lagrimas.

Que os sympaticos meninos jamais esqueçam os nomes de Antonio Leite de Castro, Conego-Arcypriste Dr. Moreira Junior, Padre Gaspar Roriz, Padre Domingos Gonçalves, Dr. Fernandes Gilberto Pereira, Dr. Alfredo Peixoto, Padre Antonio de Carvalho, Dr. João de Freitas, Dr. Henrique M. Menezes, (Margaride), Luiz M. Menezes (Margaride), João Fernandes de Mello, José dos Santos Guimarães e Conde de Margaride.

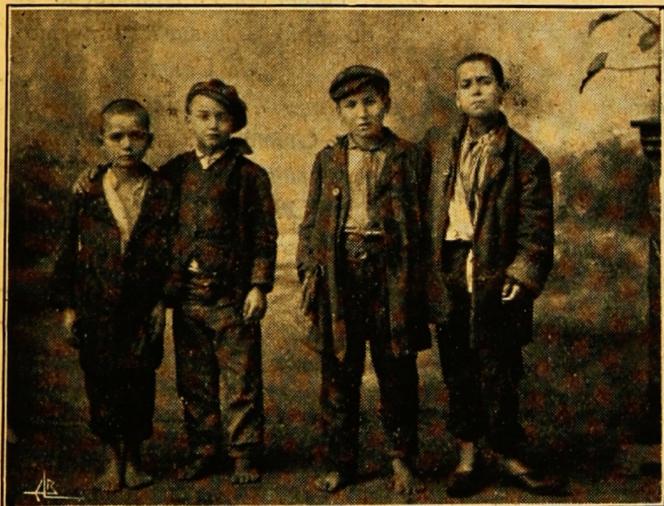




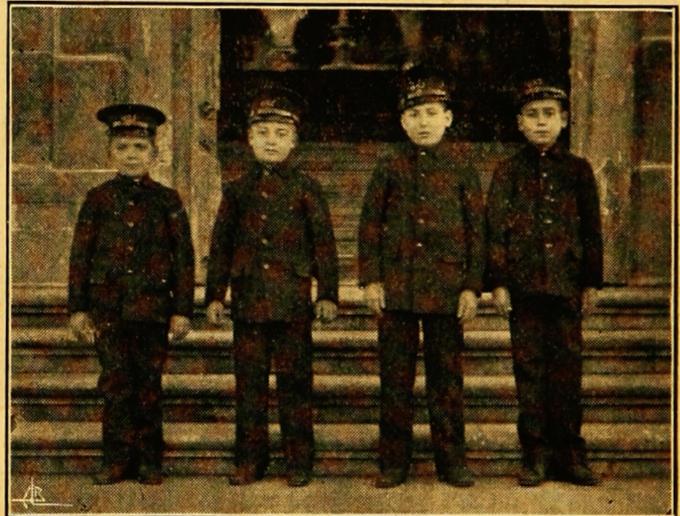
Dois rapazes antes da sua entrada para a officina



Os mesmos depois da entrada para aquella casa



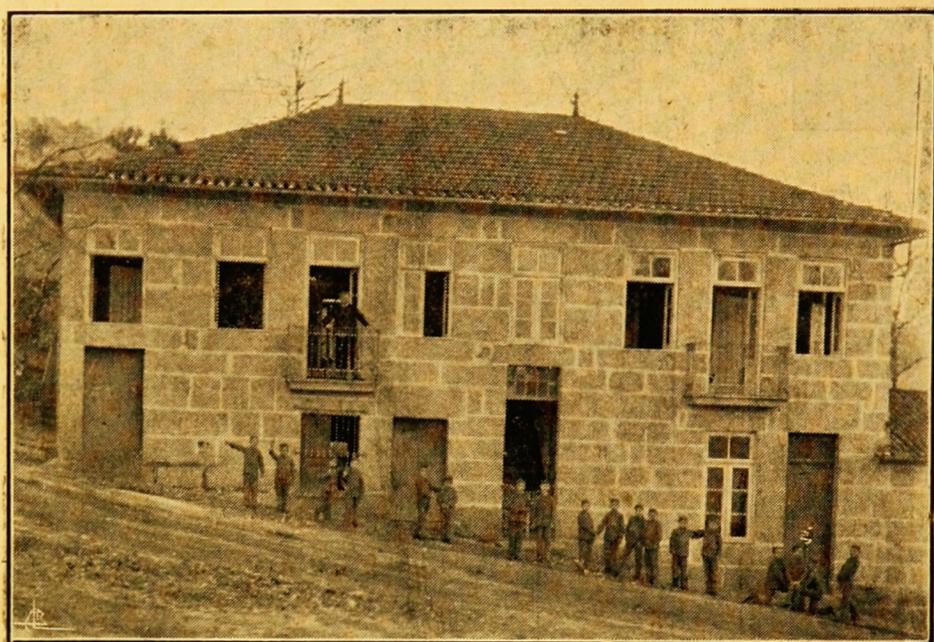
Antes



Depois

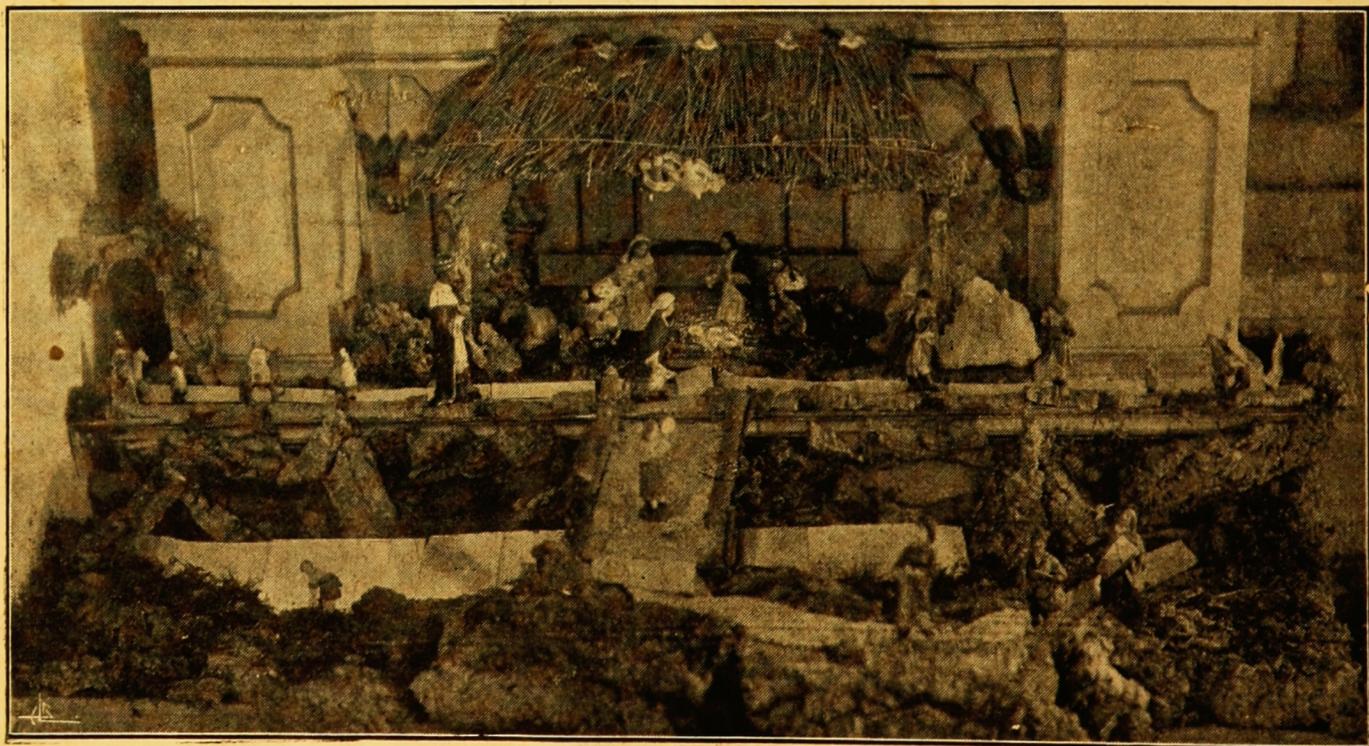


Guimarães—Grupo de internadas do Asylo de Santa Estephania



1.—Guimarães. Os fieis saindo da igreja após a ministração do santo Chrisma no convento da Costa.

2.—Guimarães. Edifício onde provisoriamente está installada a Officina de S. José.



Penacova — O presepio na igreja parochial

(Phot. Luiz Moison)